



Visado pelo
Comissário de Censura



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XI • N.º 281 • PREÇO 1000

NOTA DA QUINZENA

Sabemos ter sido superiormente ordenada uma visita oficial a todas as casas até hoje construídas segundo os estatutos do Património dos Pobres; e até nos foi dado observar de como o serviço é feito. Muito bem. Muito completo. Não tem sido chamado nenhum padre da rua, nem párocos das freguesias, nem vicentinos—ninguém. O visitador guia-se pelo *Ovo de Colombo*, de onde tira as terras aonde as casas são. Uma vez dentro de cada uma, é com o próprio habitante que se entende. Pergunta. Observa. Bebe na fonte. Depois que soube da notícia, tenho ido e perguntado—que sim. *Era um senhor que tirou medidas à casa, viu os nossos quintais e fez-nos muitas perguntas.* E fazem sim senhor. Trata-se de um trabalho perfeito. Além da planta e alçado, vai no mesmo papel a ficha social de sorte que, a Repartição mandante fica devidamente informada. Nós tivemos ocasião de ver. Ali consta de como e aonde viviam; de como agora vivem; número de pessoas, idades, sexos tudo. Ninguém fazia melhor.

Há notas interessantes; certa família queixa-se de que ninguém ali entra: *passamos aqui muita fome.* E arriscamos: *se o senhor doutor nos desse licença, nós voltávamos à barraca, alugávamos a casa e já tínhamos alguma coisinha para comer.* Outras famílias, noutras terras e por outras palavras, dizem ao visitante do seu abandono. Chamam-lhe *senhor doutor*. É o nome mais alto que conhecem. Fichas há em que o *senhor doutor* carrega a nota e lembra a necessidade de orientar os novos habitantes nas suas novas habitações, ilustrando tudo com vários exemplos da sua próxima e directa observação. Eu vi. Aqui há tempos, em um destes aglomerados, deu-se uma natural desavença e um levou o outro ao tribunal! O meritíssimo Juiz, uma vez informado da real situação da queixosa, pôs tudo no seu lugar por tal forma que, existindo um grande número de casas do Património naquela comarca, não se espera que tal torne a dar-se. Foi um Juiz.

Temos pois que um engenheiro das Obras Públicas e o juiz de uma comarca, viram-se na obrigação de meter a foice em seara alheia. Sim, porquanto a seara é da Igreja. O Património dos Pobres é totalmente uma Obra da Igreja. A implantação da casa e sua doação ao Pobre é uma parte incompleta. A natural assistência acaba a Obra.

Muitas vezes aqui temos dito e hoje repetimos; nas terras aonde

não haja quem assim compreenda, é mais avisado não arguer casas deste sistema.

Não sabemos e temos estado um nadinha alvoroçados com esta ordem superior. Não nos parece viável o subsídio de cinco contos por unidade. Isso ia para perto de mil deles. De resto, as casas já estão feitas e habitadas. São um facto consumado. Não nos parece. Porém, fica a imensa alegria de que, por informações directas de seus súbditos, o senhor Ministro das Obras Públicas saiba até onde pode chegar a devoção de homens por outros homens. E pode muito bem acontecer que no ano próximo, não estando as verbas comprometidas, Ele nos possa dar mil contos, para assim fazermos mais e melhor. Aonde a garantia? No que já se encontra feito!

Na verdade se nós hoje, dos nossos minguados fundos, alimentamos um mar de chamuscas por Portugal fora, quantas casas e casas e casas, sendo que terras há, aonde um pequenino cheque das nossas mãos, tem bastado para deitar abaixo o tempo das Barracas!

Não são, de resto, as casas. Não são os minguados fundos. Tão pouco, os subsídios se por ventura no-los derem. Tudo isto que se vê e sente é superficial. Então? É o direito dos Fracos. Eis. O mundo é às avessas. Os grandes não entendem assim; eles vão pelo direito da força. Que desgraça!

UMA CARTA

«Foi muito sensibilizada que deparei no «Gaiato» com a foto do Zé Poveiro.

Na vida coube-me por sorte lidar com crianças, ensinando-as a ler. O Zé Poveiro foi daqueles a quem eu ensaiei as primeiras letras. Filho da miséria extrema, tive-o como aluno. Foi um dos mais difíceis na minha vida de ensinar.

Raro era o dia em que não era preciso procurá-lo por toda a parte para lhe poder dar a lição. Fugia para a praia, esperando em alguma sardinha caída dum cabaz, ou procurando sempre aquilo que só v. lhe poderia dar: pão e agasalho.

O Zé Poveiro é o símbolo de tantos Zés que por aí passam.

Vai a caminho de Porto Alexandre. Deus o guie e ajude a Obra para transformar «Zés Poveiros» em homens felizes.»

Trata-se da professora que en-



Aqui temos uma casa das muitas de Lisboa, aonde se abrigam duas famílias. À esquerda, no ripado, são duas pessoas. À direita, tabuas soltas, são oito: pai, mãe, um filho de 20 anos, dois tios, um primo e os dois pequeninos à porta, hoje na Casa do Gaiato. Os senhores reparem no amplo abdomen, pernas raquiticas, ar de imensa tristeza! Perderam as lágrimas e o sorriso, duas belezas da criança! Coloquem-se quatro zeros à frente destes dois inocentes e temos 20.000. Faça-se o mesmo àquela uma casa, e temos 10.000. Isto é Lisboa de hoje.

Tribuna de Coimbra

Uma inauguração é sempre uma etapa e uma coroa. E esta agora do edifício da nossa escola e salão de festas com maior razão. Calhou no dia de venda do jornal e por isso não foi tão exterior; mas foi um dia íntimo de acção de graças a Deus.

De manhã juntamo-nos todos na capela para a santa missa. Nada há de maior que o santo sacrifício. É Jesus, Deus e Homem que se

oferece ao Pai por nós. Pai Américo paramentado sobre o altar e em nome de todos a ligar o Criador às criaturas, começa: *Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.* No momento próprio falou. Estava o povo dos arredores.

Na altura do ofertório nove gaiatos aproximaram-se com as ofertas para o sacrifício; à frente, dois levavam velas acesas; as velas são o símbolo da nossa fé; a santa missa é *Mistérium Fidei*. Depois quatro levam ramos de flores que representam as nossas boas obras. A seguir dois entregam o vinho e o pão; vinho e pão que são bem o símbolo do nosso trabalho; e da nossa vida; aquele vinho e pão que passaram por tantos trabalhos para serem alimento espiritual do homem na santa missa e alimento material nas nossas mesas, são bem a imagem da nossa renúncia dia a dia.

Por fim o chefe aproxima-se e depõe no altar uma carta com estas palavras: *os gaiatos agradecidos a Deus e seus benfeitores.* No momento da comunhão muitos se aproximaram do Banquete.

A tarde, depois do terço, Pai Américo benze o crucifixo (por não estar o Sr. Prior para o fazer) e o Tonião leva-o até à escola, enquanto o Zé António, e dois alunos mais novos, conduzem a chave. Todos entram e Pai Américo sobe ao palco e fala.

No fim todos nós fomos para o refeitório e tivemos um caldinho melhorado.

Tudo tão simples e por isso tão grande e tão cheio!

Quando no dia seguinte entrei

(Continua na quarta página)

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Agora

Já lá vão quinze anos e ainda guardo a memória da sentença de um homem posto em autoridade: *tratando-se de miséria social, o que se não pode remediar também se não pode dizer*. E proibiu-me de falar dos pobres! Sempre

fórmula: *entregam-se mais tantas*. Aquele *mais* há-de chegar a todos os cantos de Portugal até vir a derradeira. Então sim. Só então poderemos declarar que a missão dos portugueses está concluída. Derradeira quando cada Indigente

não. Aqui é mais simples. Obtem-se o terreno por doação. Chama-se o mestre de obras. Abrem-se os caboucos. Dá-se-lhe para a mão a planta. Nenhuma dependência com menos de 3x3. Pé direito do estilo. Janelas rasgadas. Materiais de primeira. Construção forte para durar muito. A seguir vai uma carta dirigida ao sr. Presidente da Câmara a quem se comunica respeitosamente a obra, pedindo ao mesmo tempo todas as facilidades. Por facilidades entende-se que ela deixe fazer. Eis o processo. Não estamos em tempo de perder tempo. São horas mas é de bater no peito por tão tarde termos começado. Birracas, cortelhas, currais, tocas, bancos das praças, capoeiras, re Bretes públicas, medas de palha, beirais de casas, valetas, relento—nada disto é para o homem. Nada disto esteve jamais na vontade de Deus nem na ordem natural das coisas.

De resto, as Câmaras estão por causa dos seus munícipes e não estes por causa dela. De entre aqueles cidadãos, os Pobres são, em boa doutrina, os mais privilegiados. Nós no princípio da Obra, tivemos uma pegasita, com determinada Câmara. Melhor; foi ela. Levamos esta doutrina ao presidente. Ele escuta e aceitou. Desde aquela data, quantas casas temos nós feito; quantas! E ele, assim como outros, nem sequer perguntam aonde e como são feitas. Compreenderam. Têm confiança. Deixam fazer. Pode ser que em qualquer parte ainda haja qualquer reparo; pode ser. Mas não nos parece que isso venha superiormente. São os funcionários. Os do código. Porém, diante da urgência da Obra do Património, o código tem de ceder ou fazer-se outro. Mais importante é o direito à vida.

Os senhores afastem-se por muito largo e deixem passar este caso de doze contos. Tem uma história; alguém, condoído, emprestou uma data de contos. Chegando o tempo de pedir o dinheiro, o senhor nega a dívida! E agora? Agora nada. Uma súplica a S. Judas Tadeu e promessa de uma casa, se o caloteiro pagasse. Resultado? O homem pagou! A senhora fez imediatamente entrega da sua promessa. Ela aqui vai. Os senhores afastem-se. Ao pé vai o Zé Rolo da Anadia com 100\$00 para o *Calvário*. Ele é médico. Eu temo que esta Obra os há-de interessar sobremaneira. Não sabendo eles curar, saibam, ao menos, que os doentes não são abandonados. A Conceição de Minde vai com 25\$ para a mesma Obra. Uma Bracarense ausente da sua terra, leva lágrimas nos olhos com saudades do ninho e 100\$ na mão direita. Um senhor do Porto, atira com o seu primeiro vencimento como director de uma grande Empresa Industrial. São 6 deles. Deu tudo. São para um degrau do *Calvário*. Não assina a carta. É do Porto. Os funcionários dos C. T. T. do Porto, vão aqui todos com 1.302\$50. Dêem lugar. São tostões de quem puxa todos os meses pelo salário, a ver se ele cobre as despesas e nem sempre dá! Que linda não vai ser a casa deles!... Alguém do Porto leva 50\$00 para o *Calvário*. Um senhor de Lisboa vai com 1.000\$00. Alguém de Casaldelo leva 100\$00. Uma provinciana leva metade; ela é de Chaves. Alguém do Porto vai com 20\$00. Lisboa 190\$00. Vai aqui uma rapariga do Porto com 120\$00 do seu primeiro ordenado. O João Ninguém de Lisboa leva três remessas; duas de 100\$00 e outra de 300\$00. Mais larguesa por favor. É o Pessoal da Companhia Portuguesa de Celulose com 1.329\$80. Não falta muito que não estejam na conta da primeira casa. Mais 100\$ de Coimbra. Também de Ericeira a Maria Manuel vai com uma telha de 50\$. Com três mil escudos deixados no *Espelho*, acaba de fazer a sua casa o *jovem rico*, que na carta desdobra aquele pseudónimo e assina *marido, mulher e filhos*. A casa será erguida algures sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição.

(Continua na 4.ª página)



Um aspecto das primeiras três casas do Património construídas num troço de antiga estrada. Sobrou terreno e vamos erguer outra. Isto chama-se aproveitar. Num país pobre, como dizem que somos, diz bem aquele verbo e aquela obra. Porque não fazer o mesmo em todos os troços de antigas estradas? Quantas famílias!

tive para mim e já naquele tempo tinha, que se a Autoridade não usa de justiça, não tem autoridade; por isso desobedecei—*verbum Dei non est aligatum*. Os pregadores do Evangelho têm liberdade de curar aos sábados, e de comer sem lavar as mãos. Deus será o inimigo dos seus inimigos. Deus aflige quem os afligir. A Verdade livra-os. Eu não podia tomar por boa aquela sentença. Que os mortos enterrem os mortos.

Se me tivesse calado era o traidor. Trair o melhor e o mais poderoso dos amigos; — Cristo Jesus. Oh desgraça!

Isto foi há quinze anos na cidade de Lisboa, ao pé da estátua de D. José e do medalhão do Marquês. Verdadeiramente falando, nós temos feito pouco por nossas mãos, mas a verdade é que temos levado muitos a pronunciar-se. Ninguém pode negar que hoje pensa-se e toma-se a questão social em normas mui diferentes. O ambiente é outro. Começa a parecer-nos torto muitas coisas e situações que naquele tempo se haviam por direitas. Os jornais vão-nos dando dia a dia a notícia de movimentos espontâneos e estranhas resoluções, que antes não vinham a lume, porque ninguém se incomodava. Isto dizem os jornais, mas o melhor de tudo não aparece. A seiva, vida das plantas, é escondida. As raízes ninguém as vê. Que teria acontecido a este cantinho do globo se eu tivesse dito que sim ao senhor que me mandou calar? E quando tivermos ocasião de pôr à vista de todos a obra dos doentes abandonados, o que será?

Eu já ouvi chamar imprudência a um tal feito, por causa das altas despesas da sua manutenção. Outra sentença falsa. Mais mortos. Quem pode escutá-los? Só os mortos!

Por causa de tudo isto que aqui dizemos, ao entregar casas a pobres, haja sempre em vista a

estiver remediado. Até lá use-se o *mais*.

Já fizemos entrega das três moradias em Casais do Campo, perto de Coimbra; muito faladas aqui por se tratar do aproveitamento de uma estrada sem uso. São três e ainda sobrou terreno para uma quarta. Cada uma tem seu quintal. No dia da entrega, viam-se as hortas munidas e prometedoras; muitas centenas de pés de couves no seu lugar.

Atenção aos vicentinos da Murtosa; comecem a erguer casas quanto antes, aliás mando para outra terra *uma casa* que me deram, sugerindo que seja aí feita. Não estamos em tempo de perder tempo. O assunto é urgente.

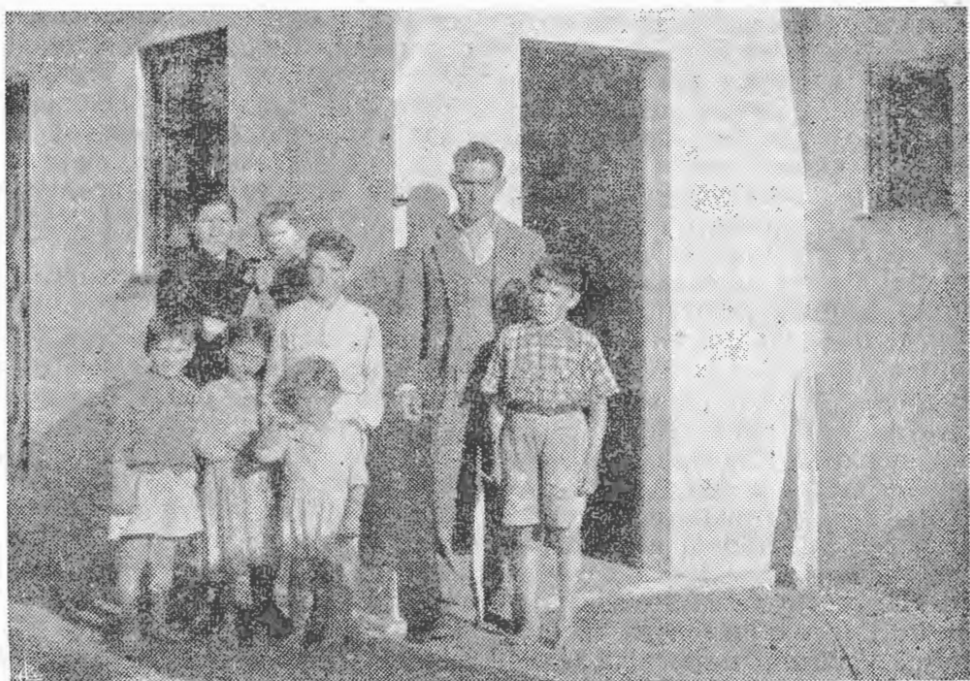
Entregamos um cheque pedindo que o fizesse render no altar à estação da missa e começar a construir. Dois meses depois vim a saber que nada feito. Lanço a mão da pluma e peço o favor de remeter o dinheiro ao pároco de Valadares ou da Madalena ou de Rio Tinto, ou de Águas Santas, aonde se está trabalhando a todo o pano. Resultado? Já começaram!

Torno aqui a dizer e que do Minho me escutem. Existia ali uma paróquia há pouco com cinquenta contos no Banco para casas do Património. Se ainda não, comecem. Vem lá o inverno. Abriguem os Pobres. Façamos aos outros o mesmo que gostaríamos que fizessem a nós e nisto mostramos que somos de Cristo. Comecem. Eu sou procurador geral dos pobres. Não me posso calar. Tenho de ser importuno. Comecem.

Os *atrazados* informaram que a demora foi por causa da Câmara. Supondo que assim haja sido, eu tenho de orientar. Dentro das cidades, o caso pode ser diferente por via de planos de urbanização. Compreende-se. Mas nas aldeias

UM PEDIDO

Se o senhor dos cobertores não mudou de casa, nem de ideias, queira ter a bondade de descer à porta, que nós cá estamos. Têm sido 5 contos deixados no *Espelho*. Dá para um fardo de cobertores. Quantas calorias!



Outro aspecto das casas de Casais do Campo, antigo troço de estrada. Como e aonde morava esta numerosa família? A força prodigiosa da Obra do Património, está justamente escondida naqueles dois advérbios — Como. Aonde.

AQUI, LISBOA!

Por Padre Adriano

Esta coluna vai ser hoje um mostruário das obras de Misericórdia. Começemos pelo Património. *Andava errante e recolhete-me.* A casa é o refúgio mais apreciado dos tempos que passam. Assim o diz a procissão de pobres que sai das suas tocas, espreita os caboucos das duas casas agora principiadas, (Liceu Camões e Vacuum) e se ramifica depois em três colunas: uns vão ter com o Presidente das Conferências, outros com o Pároco, outros vêm ter a esta Casa. Expõem, choram, insistem e retiram com uma esperanzazita.

Outra classe de mendigos é a dos Párcos e vicentinos. São cartas; são telefonemas, são encontros marcados. Nesta ansiedade de acudir a todos, já comprometemos o que tínhamos e o que há-de vir. Amora, Arruda dos Vinhos, Alhos Vedros, Moscavide, S. Julião, Fanhões, Vialonga, etc., têm os olhos nesta coluna. Aqui não se fica numa vaga esperança; damos a certeza. E não vamos ficar mal.

Mesmo agora, já noite alta, alguém se faz anunciar. Entra uma embaixada. Do saco do correio começam a tirar mealheiros de barro. Cada mealheiro traz indicação do conteúdo: 1.000\$. Em cima da mesa fica uma terreirada de doze mealheiros. A iniciativa partiu da Secção das Encomendas Postais, da Rua da Palma. Depressa outras secções aderiram. Logo que um mealheiro chegava aos mil, era lacrado e outro o substituíam. Assim se chegou à dúzia. Anda outro já na roda. Isto é original. Encantador!

A Assinante 4.419 com um vale de mil fechou a conta duma casa, e vai abrir outra. A Casa Avilez vai na quarta prestação sem que outros Avilezes acompanhem. Está a desatar o nó do lenço. *Uma Vuvva* vai também na sexta prestação de mil. É professora e quer que todos os seus colegas ouçam o apelo já formulado noutros jornais para a construção da Casa dos Professores Primários. Vamos ter despique entre Professores e Bachareis? Anda fogo também em vários Liceus e Faculdades e Companhias de Seguro e Empresas de Comércio e, por isso temos fundadas esperanças de que ainda neste Inverno se há-de acender lume novo em muitas novas lareiras de Pobres. Passemos agora à primeira das Obras de Misericórdia: *Tinha fome... dest-me de comer.* O primeiro a repartir foi um Uruguio com trinta pesos; depois uma Caldense que há muito procurava oportunidade de contribuir para a Obra com 50. Os 100 pontualmente entregues no Lar, do Casal dos Paroquianos de Arroios; 50 em carta branca, 200 em cumprimento duma promessa; mil doutra; 50 da Escola Nun'Alvares, de Benguela; 500 pelas felicidades dos filhos; 200 de Unhos; 15 de Coimbra; um farto jantar a todos os gaiatos, A-Das-Lebres; bolos de Bucelas; lambarices, mercearia e cem de Lisboa; castanhas do mercado 24 de Julho; 50 em Vale, de Lisboa; 200 para o mesmo modo para os pobres da Curraleira 20 da Rua de S. Salvador; 50 em acção de Graças a N. Senhora; 50 por intermédio dum Sacerdote;

50 e 20 de Odivelas. De Lisboa 50 duma promessa e um pneu; 50 duma Dactilógrafa que trabalhava nas horas extraordinárias, por conta dos Pobres da Conferência. Isto é o que se chama emprestar a Deus! Cem, do Porto, para o mesmo fim; vai ainda 50 das Caldas da Rainha, o vale n.º 10.191 com idêntico destino; outra vez os Paroquianos de Arroios. Também aparece quem queira *vestir os nus*, e ainda bem. Para que há-de a traça devorar o agasalho dos Pobres? É preciso arejar as arcas, despejar guarda vestidos, soalhar o calçado usado. Assim o compreendeu alguém do Hotel Francfort, e muitos outros *alguem*, no Montepio, no Lar, e aqui. A Assinante 22.823 pode mandar mais do mesmo género e mais relógios e remédios. Mais longe vão *Dois jovens quaisquer* que do seu enxoval e trabalho, retiram 450 para outros pobres que pensem no Sacramento do Matrimónio. Fica-se tão feliz em dar—dizem e sentem estes noivos cristãos! 50 do nosso Dr. Herlander que, pelos jeitos, repartiu igualmente por todas as Conferência Vicentinas; 50 para o Património; mais a caixilharia para uma casa do Património (é já a sexta) de Monte Redondo; 100 de Aveiro, para flanela. Roupas de cama, loiças e mobílias para as casas dos pobres.

A desdita daquela mãe da Curraleira encontrou eco numa *indigna serva do Senhor* e noutra cristã que quer dar sem que a esquerda o saiba. «Nunca mais me saiu do pensamento aquela mãe e os seus cinco filhos. Deus do céu! Gostava de a ir ver, mas é tão longe!» Vem da Redinha esta carta. Se a Fé transpõe montanhas, a Caridade desconhece distâncias. A última das obras de Misericórdia também não foi esquecida. Por alma de Manuel e Maria, duas vezes 50; Mafra, que o Senhor nos atenda. 1.000, de Algés, no aniversário duma grande Amiga da Obra que todos os anos nos visitava. Em vez de anúncios nos jornais e coroas fúnebres e crepes — pão para os pobres. Em vez de vaidade, Caridade.

Mais 181 e 187 da Nestlé, um rádio das Caldas da Rainha, mobílias e revistas de Lisboa e brinquedos. Alegria a nossa petizada também é obra de Misericórdia.



Segundo os mais anos, também este os vicentinos ofereceram um jantar aos amigos da Casa do Gaiato. Ei-los. Talheres. Linho. Vidros. Tudo eloquente.

Ecos do Atlântico

Por Padre Elias

Acabo de chegar de Monte Alegre onde vai ser instalada dentro de pouco a Casa do Gaiato Açoreano.

Ainda não começaram as obras de adaptação do prédio urbano, para que estão orçados trezentos contos, mas já há um mês que ando por lá com o quinteiro e mais seis assalariados na tarefa de outonar os oito hectares de terra. Os pequenos ficam cá em baixo, entregues aos seus livros e aos cuidados do professor.

De quando em vez levo lá cima o Snr. Director da Estação Agrária, para fazer um estudo sério e ajudar-me a cumprir à risca as ordens do Pai Américo. Aquela grande quinta, está completamente plantada de árvores de fruto, e o Pai Américo mandou roubar-lhes terreno para pão. Eu quero cumprir na medida do possível e o Sr. Eng. Agrônomo é da mesma opinião.

Já percorremos por mais de uma vez e demoradamente toda a quinta. Eu digo das necessidades da Casa e o Sr. Engenheiro, estudando os talhões, observa o estado das árvores e executa. O quinteiro anda atrás, machado em punho, condenando à morte, com um ferrete no tronco, as pobres árvores que têm de de aparecer. Logo que as velhas laranjeiras se desembaracem dos seus frutos, ficamos com quatro hectares de terreno, próprios para a produção do Pão da nossa mesa.

Nos outros quatro hectares é impossível semente-lo ao menos de momento. Terei primeiro de ar-

rânjar muito diaheiro para aplairar os montes e encher os vales, arrancar as pedras e fazer as divisões. Por agora, as árvores de fruto, ficam muito bem ali. Vou educá-las com o auxílio dos técnicos. Vou cavar em volta e adubar muito bem o terreno. Quero que os passarinhos venham procurar os seus ramos para lá criarem as suas ninhadas. Quero que os garotos assistam às podas para melhor compreenderem a acção do educador. Quero que eles vejam a floração, os frutos pequeninos; sintam nos troncos o borbullhar da seiva tonificante e depois assistam embevecidos ao amadurecer.

Em volta dos talhões, bordaduras de chá. Temos fornos e máquinas próprias para o fabricar. Nos outeiros, os vimes necessários para manter a sua indústria — cestos, cadeiras e outros objectos regionais, muito apreciados e muitíssimo bem pagos. Tenho vocações e é bom conservá-las.

Um talhão de vinha onde amadureça o vinho do Altar. Lugar para brincadeiras, pequeninos bresques aqui e além, sombras, recantos para os poetas, jardins, avenidas, pérgulas, latadas, tudo.

Ainda hoje à saída o Sr. Engenheiro afirmou-me que a cada visita, descobre novos encantos naquele prédio tão próprio ao fim que se destina. E eu também, apesar de andar por lá há um mês.

Ao meio do jardim grande, vou erguer uma Ermida ao Santíssimo Nome de Jesus. Uma Ermida para

(Continua na quarta página)

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

Numa reunião de amigos, por via de tanto bater a tecla do constante regime deficitário da nossa Conferência, merecemos o simpático qualificativo de «chorão». Pois que importa? O vicentino tem de ser um chorão. Pedir para os seus pobres, na medida que Deus lhe der força e devoção. Não deixar perder a oportunidade. Se resvala para o comodismo natural, pouco ou nada poderá fazer no mar imenso da Miséria.

Somos uma Conferência que nada recebe e tudo 'di tribue no

meio ambiente em que exerce a sua acção. Alguns leitores já nos compreenderam e na qualidade de subscritores periódicos enviam, espontaneamente, do pouco que podem dispor, às vezes: sabe Deus com que sacrifício! E com estas migalhas acendemos lareiras. Distribuimos pão. Tratamos das doenças. Enfim, damos vida aos que caminhavam a passos largos para a morte...

O que recebemos: Uma carta da assinante 21.454 diz assim: *Cáestou de novo com os meus humildes 50\$00 para acudir aos Pobres mais necessitados, pedindo a Deus derrame as suas bênçãos sobre o meu Lar para que a saúde não falte a meus queridos Pais.* Do amigo e cliente da nossa Tipografia, Manuel Cláudio Pulido, 11\$00. Doutra amigo e cliente da nossa Tipografia, Diamantino Ferreira Marques, 110\$50. Assinante 29.313, de Santo Tirso, para os Pobres da Conferência em memória de meu falecido Marido, Manuel. Da assídua Minucha, por alma da sua Mãezinha, 100\$00. Assinante 15.595, de Coimbra, 20\$00. Assinante 25.209, de Pinhel, 20\$00 para os Pobres da Conferência. Não vai registado, é tão pouco, mas desejava saber pelo «Gaiato» se foi recebido. Aqui está o aviso de recepção. Assinante 14.933, outro tanto. E de Lisboa, Maria Reis, 50\$00. A todos, que Deus lhes pague.

Júlio Mendes

NO PRELO
O LIVRO «VIAGENS»

Tribuna de Coimbra

(Continuação da primeira página)

e vi pela primeira vez, de há 13 anos que a escola existe, cada aluno com seu lugar e seus livros e objectos, não me contive sem manifestar a minha alegria.

Deu tantas arrelias aquela casa! Tiveram de parar as obras por falta de meios; depois avançaram, mas tão lentamente e nós com tanta necessidade!

Uma inauguração nesta casa traz sempre um desequilíbrio económico. A receita é às gotinhas e por vezes a despesa é aluvião. E por isso nós de há tantos anos que aqui vivemos ainda não tínhamos esc. la, nem uma sala de jogos para o inverno, e não temos nada de oficinas. E temos medo de começar com receio de não podermos acabar. As obras comem tudo. Coimbra parece que se esqueceu de nós. Vale-nos ali a Fábrica de Mosaicos «As» que nos ofereceu todo o material que de lá gastamos e outra de azulejos e painéis que nos fez o mesmo. Ao jantar desse dia só o Pai Américo tinha copo de vidro; de resto, eram chávenas de louça. A nossa rouparia nunca a vi tão desfalcada.

Na semana passada o Martelo alfaiate cortou o resto para calças. A senhora faz uma choradeira todos os dias. Dos estudantes de Coimbra nem se fala; não têm casa e cada um só tem uma camisola exterior.

Nos anos anteriores apareciam senhoras com camisolas de lã de tantas cores, amor de tantas horas de trabalho! Vinham tantos embrulhos de roupas e sapatos e agora já há tanto tempo sem nada! De Ilhavo vinha sempre uma Mãe com retalhinhos e um bilhete escrito com tanta devoção! E duma loja de Cacia retalhos tão variados! E da Covilhã e S. Miguel e mais terras de lanifícios já há tanto tempo que não vem nada!

Quem não acreditar nas nossas necessidades faça o favor de pegar naquilo que nos deram desde meados de Julho até agora, sustente sessenta bocas em Miranda e vinte em Coimbra e mais tudo o que diz respeito e acabe o edifício que agora inauguramos, aonde só em Outubro em salários gastamos quase nove contos e diga-se tenho ou não tenho razão para pedir?

Roupas usadas e bolas Picoas; 25\$00 de visitantes; e mais 20\$00 e mais 30\$00; da anónima dos Casais 160\$00 e agora 120\$00. Conheci-a há dias; é pessoa humilde, 20\$00 num aperto de mão; um facto e mais a um vendedor pelos exames dum filho de Coimbra. 50\$00 do mesmo modo da Figueira; 100\$00 dum especialista onde fui com dois doentes; 20\$00 duma figueirense, e agora outra vez 20\$00; 20\$00 de *Zé sem mais nada*; 50\$00 na Figueira a um vendedor; 20\$00 de visitantes; 50\$00 duma Casa de Religiosas; 50\$00 dum sacerdote pobre; um casal com duas moedas de 10\$00; 50\$00, mais 20\$00, mais 15\$00 e açúcar de visitantes; muitos alqueires de milho por alma de quem nos deu muitos em vida. Foi a semente! Visitantes que entregaram aos filhinhos duas de vinte e estes a nós; visitantes com o mesmo; roupa no Castelo para a cancerosa.

50\$00 de visitantes e mais 40\$ e 25\$00; os cinco contos da Câmara de Coimbra; 100\$00 pelas férias

de Maria Helena e Maria Isabel e agora outros 100\$00 por alma dos seus; 50\$00 dum anónimo no Porfírio Delgado; 50\$00 dum senhor que passou ao nosso portão; 57\$50 de visitantes; mais 20\$00.

Em Mira 100\$00, mais 50\$00; 15\$00 dum Senhor Doutor; 20\$00 que entregaram em Fátima a um visinho nosso; marmelada de Coimbra; medicamentos pelos vendedores; 20\$00 de visitantes; 300\$00 duma promessa de um chefe militar de Coimbra; 110\$00 de visitantes; uma bola de um *Snr. de S. Paulo*, pelo Orfeão Académico, outra de Casais; 50 dum filho da obra pelos anos do Pai Américo; um pacote de gravatas; uma pequenina que está com os paizinhos entregou 100\$00 para aqueles que não têm essa felicidade; 100\$ a pedir três missas; 50\$00 de Salvaterra do Extremo; 100\$00 e uma gravata que foram levar ao *lar*; 150\$00 de visitantes; uma mãe de Condeixa mandou o primeiro ordenado do filho 120\$00.

AGORA

Continuação da segunda página

ção. Uma Maria entregou ao Hélio 150\$00 e vai aqui na procissão. Também uma professora de Penafiel leva 62\$50. O que se abstém de fumar cá vai. O Joaquim de S. Ildefonso leva 500\$00. Temos agora muito que ver; vai passar a União Eléctrica Portuguesa. São Empresas novas. Ali é tudo novo. Tudo energia e luz. Esta. Todas. Os métodos de trabalho. As relações com o seu pessoal e clientes. A redacção das cartas. O optimo papel e impressão. Os bons salários que pagam. A ficha de cada um. São Empresas novas. Ora vejamos como eles falam:

«Temos o prazer de levar ao conhecimento de V. que o pessoal desta empresa, no Norte, por sua espontânea e exclusiva iniciativa e movido pelo entusiasmo que tem provocado a obra, resolveu abrir uma lista de subscrição para a construção de casas da série «Patrimónios Pobres», a qual totalizou a importância de 19.000\$00.

A Administração da sociedade, por sua vez, impressionada com a espontâneo decisão do pessoal de se integrar naquele admirável movimento de solidariedade cristã, resolveu contribuir também com igual importância.

É assim que podemos remeter a V., juntamente, o cheque n.º 540.441, de 38.000\$00, pagável nesta cidade pelo Banco Pinto & Sotto Mayor.»

Notem a esplêndida harmonia entre o pessoal e a Administração da sociedade. Tão juntinhos! Tão lealmente juntos! Não ofuscam. Não pretendem tirar ao seu Pessoal a glória da primazia; antes louvam (impressionados com a espontânea decisão do pessoal) e fazem o mesmo. Grande noção! Grande lição!

UM REPARO

Ontem na Reboleira, um homem descia com um saco às costas, pernas a tremer. Aproximo-me e soube que tantos anos ele como de quilos o saco—setenta!

A Sociedade Protectora dos Apimais, vigia protege, queixa-se, chama a contas. É o seu papel. Quem defende os nossos?

PELAS CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

Estiveram na nossa aldeia a passar uns dias de repouso, o *Snr. P.º* Horácio que de facto se mostra bastante cansado e três dos nossos irmãos da casa de Miranda do Corvo que são: Crisanto, o chefe; Figueiredo, carpinteiro; e Pido, sapateiro.

Ficamos muito contentes por termos convidado estes dias com estes nossos colegas, em quem vimos uns óptimos rapazes.

O Pido é que não deve ter ido lá muito satisfeito, pois a malta «entrava» com ele e dava resultado, pois ele afinava...

Enquanto estes cá estiveram, foram para Miranda o *Snr. P.º* Carlos e nosso alfaiate Carlitos, que disse ficar a gostar daquela nossa casa, assim como de todos os rapazes. Deu-nos uma chego, pois disse que são melhores de aturar do que nós e que são mais trabalhadores.

Ficamos a gostar bastante destes rapazes, pois mostram-se além de excelentes camaradas, bons humoristas...

Temos muito a agradecer aos *Snrs.*: Raúl, de Cete; Fernando Az. vedo, do Marco de Canavezes; Tenente Abil o Lima da Costa, Algés—Lisboa. Ainda um Senhor cujo nome não sabemos e nos prometeu um livro que ensina como se tratam os pombos.

A todos estes senhores, a agradecer os colúmbófilos os pombos e borrachos enviados e ficam à espera do Senhor que prometeu o livro, antecipando também os seus sinceros agradecimentos.

Com uma linda separata a cores dos primeiros campeões de futebol de Portugal recebemos o oitavo fascículo da história do Futebol Clube do Porto

Como sempre, apresenta-se com aspecto gráfico magnífico que muito orgulha a indústria de tipografia portuguesa.

Salientamos também neste excelente fascículo, além da boa prosa, os feitos dos melhores jogadores do clube azul-branco e do futebol nacional. Ao *Snr. Cândido Rocha*, os nossos parabéns.

O nosso grupo cénico, já está preparando a festa do Natal que promete ser animadora. Vem à cena as peças:

Os três da Vida Airada, comédia em dois actos; o Filho Pródigo, drama em três actos; além dum excelente acto de variedades preparado pelo mestre Senhor Joaquim Monteiro de Andrade. Não faltará o Ramada, o *Manel Bucha* e o nosso famoso orfeão.

No dia 14 de Novembro vieram jogar ao nosso parque de jogos o Sporting Clube Silva Escuro contra o Sport Clube Nogueira da Maia, em homenagem a dois dos seus jogadores. Muito agradecemos por terem escolhido o nosso meio e por terem trazido muitas pessoas que visitaram a nossa aldeia de ponta a ponta e muito ficaram a gostar, tendo até prometido repetir o passeio.

Nesse mesmo dia, como era o dia principal da feira anual de S. Martinho, o Pai Américo e o *Snr. P.º* Carlos foram com a malta a Penafiel.

Partiram depois do comer, pois com a barriga vazia não se aprecia nada. Muita alegria, animação, todos pulavam, cantavam e outros ficavam de boca aberta pelas coisas bonitas que viam.

Daniel Borges da Silva

TOJAL O primeiro de Novembro, foi para nós um dia de alegria, como habitualmente o Senhor Pinheiro recebeu-nos em sua casa e ofereceu-nos um belo almoço e uma bela água-pé.

Aqui lhe deixamos um muito obrigado e votos de muitas prosperidades.

No dia de S. Martinho, fizemos um magusto, para comemorar o dia. Bebeu cada um o seu copo de vinho.

Já há muito que não tínhamos cá tantos visitantes. Foi uma invasão. Sete camionetas

Ecos do Atlântico Continuação da terceira página

cem garotos com um campanário e uma sacristia pequenina.

Gritei na imprensa local e Ponta Delgada tem respondido à chamada. Tenho já as pedras para os alicerces, uma pedreira à disposição para mandar cortar a cantaria, sacos de cimento, madeira e quinze contos.

Quando ela estiver pronta, chamo o Pai Américo para a benzer e celebrar a primeira Missa.

Ela vai subir. Em Ponta Delgada há dinheiro e corações.

Encontro-me na rua com um operário pobre. Ele puxa o porta moedas e coloca tudo na concha da minha mão. «É pouco mas é tudo. Uma pedra para a Ermida.»

Vai sim senhor. Com pedras assim a Ermida vai subir num instante. É o Santíssimo Nome de Jesus a tocar os corações.

Padre Elias

despejaram mais de 300 funcionários da Vacuum e suas famílias. Pena foi que estivesse a chover, mas mesmo assim saíram bem impressionados.

Deixaram quase um conto. São eles que todos os meses se cotizam e já mandaram dinheiro para duas casas. Uma foi construída no Porto e a outra está a construir-se aqui no Tojal. Bem haja a Vacuum.

—Era no domingo, faz hoje quinze dias; estávamos todos na Missa na altura do ofertório, ia-se para tocar o Beneditos, mas o órgão já muito desafinado e com a maior parte das notas sem tocar, se desorientou. O coro também se foi abaixo. Isto assim não vai bem.

Gostariamos muito de ter para a noite de Natal, um órgão para tocar na missa do galo.

Oxalá que sim! Que alguém acuda à nossa tristeza.

—Nos fins de Setembro, a nossa carpintaria deu por prontos 18 bancos para a Igreja. Já todos se enchem e ainda não precisamos mais. Fazer-se-ão quantos forem necessários; benditos são aqueles que se sentaram neles, é sinal que se querem salvar.

—Até que enfim que começou a construção da estrada daqui ao Rossio do Tojal. Vai ficar alcatroada que é um luxo. Se não fosse o Sr. Ministro das Obras Públicas e a Câmara de Loures nunca mais tínhamos estrada.

Estamos muito agradecidos.

Joaquim A. Gouveia Marques

MIRANDA DO CORVO No dia 7 de

Novembro foi a inauguração da nossa escola e salão de festas. Como não podia deixar de ser, começamos por ouvir a Santa Missa celebrada pelo Pai Américo. Nós cantámos-la o melhor que pudemos, visto os melhores cantores estarem para a venda do Famoso. Ao Evangelho, o Pai Américo disse algumas palavras simples, como só ele sabe dizer e pediu-nos para nunca nos afastarmos do caminho de Deus. Porque logo que nos afastamos vem o demónio e mais tarde ou mais cedo vimos a cair no pecado. Ao ofertório alguns dos rapazes entregaram ao celebrante as velas acesas, símbolo da nossa fé; as hostias e o vinho que se haviam de transformar no Corpo e no Sangue de Jesus Cristo e as flores brancas símbolo da pureza. À altura da Comunhão quase todos os rapazes se abeiraram da Sagrada Mesa afim de receberem Aquele que tudo pode.

Por volta das 5 horas rezamos o terço e no fim dirigimo-nos para a escola onde o Pai Américo falou a todas as pessoas que estavam presentes. Na verdade foi uma festa simples; mas para que queremos nós festas com muitas pompas se o nosso fundador e a nossa obra também é simples?

—A nossa escola antiga ficou agora para sala de jogos. À noite nós vamos para lá, visto cá fora estar muito frio. Agora falta-nos o que mais nos interessa, que são os jogos. Se alguns dos leitores por aí tiver alguns jogos e não-los quisesse mandar, desde já agradecemos.

José Crisanto

Venda do Jornal na COVILHÃ

Mais uma vez fomos até à Beira vender o nosso tão famoso jornal que continua a espalhar e muito bem a doutrina de Cristo que é a verdade.

Na Covilhã... Desta vez chegamos um pouco mais cedo pois temos a agradecer ao Sr. Dr. Fernando Carneiro que nos levou no seu carro desde o Fundão à Covilhã o qual nos adiantou um bocadinho. Desta vez fui eu e o Pido e vendemos muito bem, talvez por nós sermos dos melhores vendedores e por isso ele procura vender mais do que eu e eu mais do que ele.

No sábado tínhamos um total de 190 jornais quando nós costumávamos a ter só 70 e no Domingo 500 quando nós costumávamos ter só 250. Não há dúvida que por este andar chegamos aos 150. Mas para isso precisamos do auxílio dos meus estimados leitores.

Tenho a agradecer ao Sr. P.º José de Andrade e ao Sr. Artur de Moura que nos continuam a receber com todo o carinho.

Um pedidinho: — Como os Srs. leitores sabem está próximo o inverno e nós temos muita falta de roupas e como a Covilhã é terra de muitas fábricas e de muitos nossos amigos, se nos dessem por lá umas peçazinhas ou mesmo roupas usadas, é que nós vinhamos para a nossa casa ainda mais contentes! Ou até pode ser que algum dos leitores, dono dalguma fábrica, e por lá tenha uns retalhos mesmo que não sejam muito bons, nós agradeceríamos. Se não souberem a direcção ela aí vai: Casa do Gaiato — Miranda do Corvo. Ou então como nós vamos aí de quinze em quinze dias, pedem trazer tudo, mesmo roupas usadas.

Em Castelo Branco, nesta última venda, tivemos menos sorte, pois os habitantes andam um pouco desanimados, pois o vento causou nas suas casas muitas destruições. Ainda vendemos 100; muito pouco, mas em breve estaremos na mesma. Tenho a agradecer aos Srs. D.ºs Oliveira (filho) e Duque Vieira, que nos continuam a receber muito bem. No Fundão vendeu-se muito bem, 200 jornais e alguns Barredos e fomos muito bem recebidos. Por último fomos à Louçã e vendemos os 150 de costume. Depois destes dias de venda tínhamos na mão 2.000\$00 e o Sr. Padre Horácio ficou muito contente.

Avisamos os Srs. leitores de que nós vendemos os livros Barredo, Pão dos Pobres, Isto é a Casa do Gaiato, Obra da Rua e o último Ovo do Colombo. A todos muito obrigado.

José Dionísio Figueiredo